

INTERVENÇÕES DIDÁTICAS DO ALUNO DE PEDAGOGIA: O REGIONALISMO EM SALA DE AULA

DIDACTIC INTERVENTIONS BY THE PEDAGOGY STUDENT: REGIONALISM IN THE CLASS

INTERVENCIONES DIDÁCTICAS DEL ESTUDIANTE DE PEDAGOGÍA: REGIONALISMO EN EL AULA

Érica Pires Conde¹
Iveuta de Abreu Lopes²

Resumo: Mudanças no ensino começam na formação básica dos professores. Partindo dessa premissa, resolvemos investigar a concepção dos futuros docentes de pedagogia em relação ao tratamento didático dado às variantes linguísticas em sala de aula. Nosso estudo partiu do seguinte questionamento: Que tipo de tratamento didático é dado por estudantes de pedagogia à variante linguística diatópica em sala de aula? Fizemos uma pesquisa qualitativa colaborativa. Foram sujeitos de nosso estudo 19 alunos do curso de pedagogia. As diversas estratégias metodológicas elaboradas focaram, em sua maioria, no ensino da norma padrão, possibilitando, na escola, o que hoje é defendido por sociolinguístas: o acesso de todos à forma prestigiada de falar e escrever.

Palavras- chave: Formação de professores. Variantes linguísticas. Intervenções didáticas.

Abstract: Changes in teaching begin with basic teacher training. Based on this premise, we decided to investigate the conception of future pedagogy teachers in relation to the didactic treatment given to linguistic variants in the classroom. Our study started from the following question: What kind of didactic treatment is given by pedagogy students to the diatopic linguistic variant in the classroom? We did a collaborative qualitative research. The subjects of our study were 19 students of the pedagogy course. The various methodological strategies developed focused, for the most part, on teaching the standard norm, enabling, at school, what is defended by sociolinguists today: access for all to the prestigious way of speaking and writing.

Keywords: Teacher training. Linguistic variants. Didactic interventions.

Resumen: Los cambios en la enseñanza comienzan con la formación básica del profesorado. Partiendo de esta premisa, decidimos indagar en la concepción de los futuros profesores de pedagogía en relación al tratamiento didáctico que se da a las variantes lingüísticas en el aula. Nuestro estudio partió de la siguiente pregunta: ¿Qué tipo de tratamiento didáctico le dan los estudiantes de pedagogía a la variante lingüística diatópica en el aula? Hicimos una investigación cualitativa colaborativa. Los sujetos de nuestro estudio fueron 19 estudiantes del curso de pedagogía. Las diversas estrategias metodológicas desarrolladas se centraron, en su mayor parte, en la enseñanza de la norma estándar, posibilitando en la escuela lo que hoy defienden los sociolingüístas: el acceso de todos a la prestigiosa forma de hablar y escribir.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras/ CCHL/UFPI. Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará; Mestrado em Educação, Administração e Comunicação pela Universidade São Marcos. Professora Adjunta, nível IV, da Universidade Federal do Piauí. E-mail: ericaconde@uol.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0473-7870>.

² Doutora em Letras, na área Linguística, pela Universidade Federal de Pernambuco; Mestre em Linguística, Universidade de Brasília; Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras/ CCHL da Universidade Federal do Piauí. E-mail: iveuta@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0204-4301>.

Palabras clave: Formación docente. Variantes lingüísticas. Intervenciones didácticas.

Introdução

Focar na formação básica de professores, considerando-a sob o viés da sociolinguística, é externar uma preocupação quanto ao entendimento dos futuros docentes em relação ao ensino de língua portuguesa nas escolas.

O ensino do português, na educação brasileira, sempre considerou mais a língua como homogênea. Entretanto, é sabido que o Brasil possui pluralidades de culturas e, conseqüente, diversidades linguísticas.

Com o surgimento da sociolinguística como ciência, a heterogeneidade e as discussões das variações linguísticas começaram a ser consideradas, nos diferentes contextos sociais, adentrando a sala de aula. Os professores perceberam que os aspectos sociais, históricos, culturais e linguísticos apresentavam um desafio no que se refere ao ensino do português padrão. Foi preciso, então, considerar duas questões basilares quanto ao ensino do português: conservar a identidade linguística do aluno e ensinar a variante padrão.

Por acreditar que mudanças no ensino começam na formação básica dos professores, resolvemos investigar a concepção dos futuros docentes de pedagogia em relação ao tratamento didático dado às variantes linguísticas em sala de aula. Por essa razão, uma questão norteou este estudo: Que tipo de tratamento didático é dado por estudantes de pedagogia à variante linguística diatópica em sala de aula?

Foram nossos objetivos: analisar a indicação e justificativa de um plano de tratamento didático para tratar a questão da variante diatópica em sala de aula; entender a concepção que o aluno de pedagogia tem do que hoje chamamos de competência linguística.

Fizemos uma pesquisa qualitativa colaborativa. Foram sujeitos de nosso estudo 19 alunos do curso de pedagogia, que responderam um fórum assíncrono com a temática “a aula de português”.

Fizeram parte de nosso aporte teórico autores como: Labov (1969), Faraco (1998), Mollica e Braga (2003) e Silva (2018), que mostram as características da sociolinguística e sua relação com o ensino, e Soares (1989), Bagno (2000, 2007), Beline (2002), Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (1998, 2002), Mattos e Silva (2006), Antunes (2007), Görski e Coelho (2009), Carneiro (2014), Santos, Nogueira e Andrade (2017) e Damacena (2020), que indicam a necessidade de, no ensino de língua portuguesa, o professor mostrar a língua como heterogênea.

Um estudo como este possibilita mostrar a importância da discussão, nos cursos de formação de professores, sobre a diversidade social e linguística existente no Brasil

O resultado aponta que os estudantes de pedagogia indicaram mais de um tratamento pedagógico para a questão da variante linguística diatópica apresentada. As estratégias metodológicas elaboradas focaram, em sua maioria, o ensino da norma padrão, possibilitando, na escola, o que hoje é defendido por sociolinguistas: o acesso de todos à forma prestigiada de falar e escrever.

As variantes linguísticas no ensino da Língua Portuguesa

No domínio social, há várias formas de usar uma língua. Essas formas se materializam como sendo variantes linguísticas. Para Bortoni-Ricardo (2004), as regras existentes na sociedade, quanto ao uso de uma língua, podem estar documentadas ou apenas fazer parte da cultura, mas o importante é saber que sempre haverá variação de linguagem nos domínios sociais, porque a variação é própria da uma comunidade.

Beline (2002), quanto à variação de uma língua, indica que se a variação leva em conta o lugar, é diatópica; caso a ênfase seja na situação (mais ou menos formal), é diafásica; e se a ênfase é no nível econômico, é diastrática.

Bagno (2007), ao se posicionar sobre essa questão, retoma a classificação de Faraco (1998) no que se refere às mudanças históricas sofridas em uma língua: variação fonético-fonológica, em que há pronúncia de maneira diferente; variação morfológica, termos com mesmo significado, mas com sufixos diferentes; variação sintática, em que há frases com posição diferentes de termos em sua estrutura; variação semântica, o sentido do termo depende da região do falante; variação lexical, na qual palavras diferentes referem-se a um mesmo ser; e, por fim, variação estilístico-pragmática, em que o grau de formalidade ou informalidade, destacando diferentes jeitos de se expressar.

Damacena (2020), alinhando-se a Beline (2002), expõe que há diferentes variantes linguísticas: as que informam o grau de monitoramento que fazemos ao falar uma língua, relacionadas aos papéis sociais que assumimos; as diferenças existentes entre os estados, chamadas de diferenças dialetais, presentes no sotaque e no uso de alguns léxicos; e há as que são classificadas de acordo com o maior ou menor monitoramento que fazemos diante de seu uso, existindo uma tendência de indicar o grau de formalidade ou informalidade em seu uso.

No texto de Beline (2002), é possível perceber que, no contexto da variação diatópica, diafásica e diastrática, podemos encontrar a variação fonético-fonológica, a morfológica, a lexical,

a semântica, a sintática e a estilístico-pragmática. Para a autora, há duas possibilidades de analisar as variantes linguísticas: na perspectiva variacionista e na perspectiva dialetológica.

Vemos, então, na classificação de Beline (2002) e Damacena (2020), a perspectiva dialetológica, porque considera os aspectos regionais e sociais na localização e descrição dos dialetos de uma língua; já na categorização de Bagno (2007), constatamos a sociolinguística variacionista, que busca desvendar como a heterogeneidade se organiza.

Damacena (2020) informa que, frente a essas diferenças, surgem questionamentos que procuram entender por que uma variante é ensinada em detrimento de outra. Como é o caso do prestígio concedido ao ensino da variante culta, que, no Brasil, manifesta-se como demarcação da cultura, do que é erudição.

Faraco (2002) caracteriza a norma culta como uma variedade linguística usada por pessoas que têm maior proximidade com a língua escrita, “cultura escrita”, tendo uma fala mais próxima dessa modalidade.

É certo, então, dizermos que a norma culta tem certo privilégio no ensino da língua. Bortoni-Ricardo (2005) aponta o porquê de isso ocorrer, destacando dois aspectos: a função da padronização, que evita que percamos a uniformidade necessária para a manutenção de nossa nacionalidade, e a importância da escola continuar sendo propulsora da mobilidade social, ou seja, mediante o aprendizado da norma padrão, o aluno poderá ter acesso ao nível superior de ensino e a empregos bem remunerados.

O tratamento didático dado à variação linguística na sala de aula

Os estudos sociolinguísticos procuram mostrar a língua inserida em contextos e, portanto, sendo heterogênea. Entender essa questão, no ambiente da sala de aula, é basilar para formar um aluno consciente da presença da diversidade linguística.

É indiscutível que ainda há muito a se fazer quanto ao tratamento pedagógico que deve ser dado às variações linguísticas. Vale destacar aqui a importância do profissional que trabalha com o ensino da língua está ciente de seu papel: desenvolver a consciência linguística, mostrando a existência da diversidade sociocultural, e ensinar a norma culta. Dessa maneira, o papel do professor deverá estar voltado para o desenvolvimento da competência linguística.

No tocante ao desenvolvimento da consciência linguística, constatamos a necessidade de o professor pensar a língua como uma entidade viva, que sofre mudanças constantes. Daí a importância, segundo Lopes e Cavalcante (2018), de entender a sociolinguística como uma área de estudo que possibilita o combate ao preconceito.

Ainda sobre essa questão, Silva (2018) salienta ser a sociolinguística parte fundamental na formação dos professores, uma vez que desvenda os inúmeros fenômenos linguísticos variáveis e contesta o preconceito linguístico. Para a autora, mediante o conhecimento da sociolinguística, temos a implementação da formação crítica e significativa do aluno.

Görski e Coelho (2009), alinhando-se a Soares (1989), Bagno (2000) e Antunes (2007), no tocante ao bidialetismo funcional, além de entenderem que o aprendizado do dialeto-padrão na escola é necessário, registram a necessidade de a escola ensinar a norma culta, não por imposição, mas enfatizando os diferentes contextos de uso. Assim, não teríamos a substituição de uma variante por outra, mas a capacitação do domínio de duas, ou mais, variantes.

Nesse viés teórico, encontramos o papel da escola voltado para o desenvolvimento da competência comunicativa. Carneiro (2014) reforça esse argumento, mostrando a escola como um espaço social formador do cidadão, não podendo ignorar o ambiente cultural de seus alunos.

Isso implica no aluno aprender os diversos usos existentes da língua. Reprisando os estudos Görski e Coelho (2009, p.84), criamos assim uma expectativa em relação ao papel do professor quanto ao ensino da língua portuguesa:

O que se espera, então, do professor de português é que ele trabalhe o hiato que existe entre a variedade trazida pelo aluno de casa (que nunca deve ser taxada de “erro”) e a norma culta, no sentido da inclusão social do aluno e não no sentido da discriminação ou da exclusão. Nessa direção, uma das primeiras tarefas do professor seria reconhecer a realidade sociolinguística da sala de aula e da comunidade onde está atuando, observando, por exemplo, se há mescla de dialetos evidente entre os alunos, seja dialetos regionais (rural/urbano; nortista/sulista, por exemplo), seja sociais (maior ou menor domínio da norma culta em decorrência de fatores sociais como o nível socioeconômico da família, por exemplo).

Fica, então, evidente que a realidade linguística deve ser trabalhada em sala de aula. Para Görski e Coelho (2009), o intuito é enfatizar a heterogeneidade da língua, fazendo comparações e combatendo o preconceito, sem, contudo, deixar de ensinar a norma padrão.

Santos, Nogueira e Andrade (2017) mostram que o professor de português deve ser visto, na sala de aula, como um mediador do processo de ensino, explicando questões referentes à fala, sem se esquecer do uso da gramática normativa.

Mattos e Silva (2006) reforçam, em seus estudos, a necessidade de os professores de português explicarem que certas variações não são bem-vindas em alguns contextos. Eles afirmam que, para isso ocorrer, é necessário o professor ter uma boa formação sociolinguística.

Indubitavelmente, estamos diante de uma questão de formação, na qual o professor de português precisa entender o seu papel de conciliar o ensino da norma padrão e explicar a existência de uma variação linguística que reflete o contexto cultural. É preciso, assim, ensinar a gramática, sem estigmatizar as variantes existentes numa sala de aula. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 42):

O professor deve incluir dois componentes: a identificação e conscientização [...] É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar intervenções inoportunas [...].

Bagno (2007, p.118) menciona que a tarefa do professor é conscientizar o aluno de que há contextos diversos para o uso das variantes linguísticas: “Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade.”

O que podemos dizer é que, para que isso se concretize, é preciso investir na formação básica do professor que irá trabalhar com o ensino da língua. Santos, Nogueira e Andrade (2017, p.7) afirmam:

Assim sendo, os professores de língua portuguesa tem um longo desafio pela frente no que tange ao processo de sua própria formação e entendimento sobre a heterogeneidade da língua, pois o professor, ao estudar a língua e ensiná-la, deve levar em consideração de que esta sempre sofrerá transformações ao longo do tempo e que seus falantes irão utilizá-la de formas diferentes.

Assim sendo, podemos falar que o ponto central para mudança no ensino da língua é a formação sociolinguística do professor de língua portuguesa e a, conseqüente, aquisição da visão heterogênea da linguagem. Não é ensinar uma variante em detrimento de outra, mas ensinar o contexto de uso da cada uma.

A trilha metodológica

A investigação feita classifica-se como pesquisa qualitativa, do tipo colaborativa. Procuramos analisar se a formação básica de estudantes do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), capacita-os para elaborar um plano de tratamento didático-pedagógico de questões referentes à presença da variante linguística diatópica na sala de aula.

A pesquisa qualitativa, para Günther (2006), é caracterizada por buscar significados, sendo enfatizado o aspecto processual da busca, em que serão interpretados os resultados; a coleta de dados produz textos que serão hermenêuticamente interpretados e há aceitação de que crenças e valores poderão influenciar todos os momentos da pesquisa.

A escolha pela tipologia colaborativa está no fato de este estudo, segundo Bortoni-Ricardo (2008, p.71), ter “por objetivo não apenas descrever, como no caso da etnografia convencional, mas também promover mudanças no ambiente pesquisado. Dessa forma ela, é ao mesmo tempo, hermenêutica e emancipatória.”

Bortoni-Ricardo (2008) caracteriza a pesquisa etnográfica colaborativa como: o observador não é passivo, mas coparticipante ativo na construção e transformação do conhecimento; é preciso seguir a agenda do grupo; o intuito consiste em desvelar as rotinas; não há limites entre a fase inicial da pesquisa e a fase de coleta de dados e análise, a investigação ocorre visando a ação-reflexão-ação.

A coleta de dados deu-se com a análise das respostas dos alunos de pedagogia em um fórum criado na disciplina de Didática de Língua Portuguesa. Tínhamos 25 alunos cursando, mas analisamos apenas 19 respostas, porque só consideramos as que foram postadas no SIGAA - UFPI em tempo hábil.

A indicação do tratamento didático da variante linguística regionalismo por alunos do curso de pedagogia da UFPI

Escolhemos para o andamento da disciplina Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Piauí, em aulas remotas, aulas síncronas e atividades assíncronas, postadas na plataforma SIGAA – UFPI, sendo divididas em leitura de textos, participação em fóruns, realização de tarefas e conversas travadas no grupo de WhatsApp.

Como já sinalizamos, realizamos fóruns com a turma de pedagogia, sétimo período. Os fóruns feitos tiveram por temática “a aula de português” e “as variantes linguísticas”, dos quais optamos por usar apenas a segunda questão do primeiro fórum, contando com 19 repostas postadas em tempo hábil na plataforma do SIGAA – UFPI.

A escolha em usar a resposta da segunda questão do primeiro fórum deu-se por versar sobre o tratamento didático dado a uma situação de variação linguística regional.

Assim, foi solicitado que os alunos lessem uma fala registrada ("Fessora, posso ponhá a tarefa em riba da mesa? "/ " Sim, pode!"/ " Fale arto, fessora, num iscuito nadial!") e que, em seguida, apresentassem um tratamento didático para a situação, partindo do pressuposto que isso estaria de fato acontecendo em sala de aula. A pergunta feita no fórum foi do tipo aberta: “como trabalhar com essa questão na sala de aula?”.

Observamos que um mesmo aluno apresentou mais de uma intervenção pedagógica. Isso foi possível diante do fato de termos elaborado uma questão aberta no fórum. Extraímos fragmentos das respostas dadas para exemplificar a análise feita:

(1)Aluno A: “Em relação à fala trazida como exemplo, cabe ao professor considerar as expressões de fala dos alunos. (...) É necessário que o professor também **enalteça em sala de aula a importância de se abordar e conhecer sobre a oralidade.** (...)” (Grifo nosso)

(2)**Aluno D:** (...) O professor junto com a comunidade escolar, podem **incluir diferentes gêneros textuais**, dando exemplos reais que apresentam as variedades de linguagem, é possível também **desenvolver projetos voltados para essa temática de forma diversificada e interdisciplinar**, a fim de superar os preconceitos linguísticos que acabam sendo uma forma de exclusão social. (Grifo nosso)

(3)**Aluno G:** Nesse sentido, no que se refere a minha abordagem, acolheria o aluno, **não o excluindo por sua variação na fala, mas ensinando-o que elas existem, e que elas não são erradas**. (Grifo nosso)

(4)**Aluno I:** (...) É importante envolver o aluno a sempre **participar na prática da leitura, da produção de frases, textos, ditados**, e outros, como também **trabalhar com as diferentes variações da linguagem como forma de quebrar os preconceitos e levar conhecimento sobre as diversidades** (...). (Grifo nosso)

(5)**Aluno K:** (...) “Assim, após observar as características de fala de cada aluno, eu **traria perguntas norteadoras** para entender o ponto de vista destes a respeito da diversidade de variações e geraria discussões em torno delas.” (...) (Grifo nosso)

(6)**Aluno M:** É importante que **dentro de sala de aula a “norma Culta” seja abordada**, como assim pedem os parâmetros da educação, para auxiliar o falante no próprio conhecimento da língua. Porém, metodologias de conhecimento das variantes existentes em especial no território Brasileiro podem ser adotadas para que não se reverbere o preconceito quanto ao regionalismo e suas respectivas formas culturais de expressão por meio da fala. (Grifo nosso)

É possível notar que os alunos de pedagogia estão cientes de que as variantes linguísticas são comuns nos diversos contextos e que podem adentrar a sala de aula.

Sobre a existência da diversidade linguística nos contextos sociais, retomamos Beline (2002) e Damacena (2020) que enfatizam a perspectiva dialetológica, ou seja, os aspectos regionais e sociais na localização e descrição dos dialetos de uma língua; e Bagno (2007) que fala sobre a sociolinguística variacionista.

Percebemos que existiram pontos que foram destacados como essenciais para um bom tratamento didático: a ênfase na oralidade, usar gêneros textuais, tratar sobre as variantes linguísticas na sala de aula, trabalhar com a leitura e elaborar questões norteadoras para serem discutidas. Além desse aspecto, houve a indicação da necessidade de diversificar estratégias de ensino e metodologias.

Por essa razão, resolvemos criar um quadro sinótico (Quadro 1) com os tratamentos didáticos indicados:

QUADRO 1: Tratamento didático para as variantes linguísticas na sala de aula.

TRATAMENTO DIDÁTICO DADO À VARIANTE LINGUÍSTICA DIATÓPICA EM SALA DE AULA
Diversificar as práticas pedagógicas e os recursos didáticos.

Usar os gêneros textuais para mostrar as diferentes variações;
Analisar, juntamente com os alunos, as diversas variantes existentes;
Realizar atividades que possam propiciar condições espontâneas de prática da oralidade (contações de histórias, recontos, conversas em grupos, entrevistas, dramatizações, etc); Distribuir histórias na aula e pedir aos alunos que contem o que acharam da história;
Procurar trabalhar com a leitura de frases/textos (fazendo interpretações), ditados e diferentes variações da linguagem;
Elaborar perguntas norteadoras para entender o ponto de vista dos alunos a respeito da diversidade de variações e, a partir daí, propor discussões em torno delas. Além de fazer rodas de conversa
Abordar a norma culta na sala de aula e fazer o contraste com as variantes linguísticas.

Fonte: dados da pesquisa desenvolvidos pelas autoras

Fica evidente, após a análise do quadro de intervenções pedagógicas, sugeridas pelo grupo, que há o entendimento de que o bidialectismo funcional deve fazer parte do ensino e aprendizagem de uma língua. (Cf.: GÖRSKI E COELHO (2009), SOARES (1989), BAGNO (2000) E ANTUNES (2007))

Retomando Carneiro (2014), notamos a importância de a escola reforçar o papel da competência comunicativa, no sentido de procurar formar cidadão, ou seja, considerando, na formação, o ambiente cultural do aluno.

No entanto, como essa questão é enfocada pelo grupo, passa a impressão de um descuido quanto ao que é defendido como bidialectismo funcional, ou seja, o aprendizado do dialeto-padrão na escola é necessário; não por imposição, mas enfatizando os diferentes contextos de uso.

Diante desse fato, resolvemos quantificar que respostas destacaram o ensino das variantes linguísticas e da norma padrão como sendo inevitável no contexto da sala de aula. Entendemos que o aluno que já domina uma variante linguística própria de seu contexto deve ter também a chance de conhecer e usar a norma culta.

Sendo assim, apontamos, no gráfico 1, a seguir, quantos alunos destacaram o ensino das variantes linguísticas em sala de aula.

GRÁFICO 1: Ocorrências de tratamentos didáticos da variante linguística diatópica nas respostas de alunos de pedagogia.



Fonte: dados da pesquisa desenvolvidos pelas autoras

Com a análise do gráfico, constatamos que 12 alunos, em suas respostas, destacaram a importância de os professores indicarem, em suas aulas, o estudo das variantes linguísticas (conforme gráfico: estudo da variação linguística e passar para a variante padrão). Isso vai ao encontro de Bortoni-Ricardo (2004) que diz que não podemos nos esquecer de que o ensino da língua deve focar a conscientização e a identificação.

Dessas 12 respostas, apenas dois alunos ressaltaram ser imperioso o destaque, na escola, da norma culta. Pensamos que esses alunos tiveram a intenção de apontar o papel da escola de valorizar a cultura escrita. Nesse sentido, visualizamos isso também nas propostas que destacaram como intervenção pedagógica o uso de gêneros textuais (cinco alunos) e da prática de leitura de frases e textos (dois alunos).

A valorização da língua escrita refere-se, de certo modo, a destacar a variante culta da linguagem. Faraco (2002) diz que a norma culta é usada por pessoas que têm maior proximidade com a língua escrita.

Trabalhar a oralidade e perguntas norteadoras, para proposição de uma discussão, podem ser enquadrados unicamente como oralidade. Esse aspecto remete ao fato de as variantes linguísticas se manifestarem mais na língua falada.

É possível, portanto, ver que as variantes linguísticas são consideradas pelos futuros professores de português do ensino fundamental menor. Mattos e Silva (2006) consideram que o papel do professor é destacar, no ensino das variações linguísticas, a importância dos contextos sociais. Bagno (2007), Görski e Coelho (2009) e Santos, Nogueira e Andrade (2017) destacam que

o intuito do ensino de uma língua é enfatizar a heterogeneidade, explicando as questões referentes à fala, sem deixar de ensinar a norma padrão.

Cabe à escola, como instituição responsável pelo ensino da norma padrão, habilitar o aluno para o reconhecimento e uso da norma culta. Sobre o privilégio dado pela escola à norma culta, Bortoni-Ricardo (2005) ressalta a necessidade da uniformidade para manter a nossa nacionalidade, e o papel da escola em ser propulsora da mobilidade social.

Diante do estudo realizado, convém assinalar que os alunos de pedagogia são capazes de dar um tratamento pedagógico para as variantes linguísticas em sala de aula, ainda que não deixem evidente o destaque, em suas respostas, ao ensino da norma padrão.

Conclusão

É oportuno que os cursos de formação básica de professores propiciem discussões sobre o tratamento pedagógico das diversidades sociais e linguísticas. No momento que abrimos as portas para que essa temática chegue à sala de aula das universidades, propiciamos um pensar crítico e reflexivo sobre as atitudes procedimentais no que se refere à postura do professor diante de situações em que há manifestações linguísticas diversas: diafásicas, diastrática, diatópica e diacrônica.

Verificamos, quanto à proposta realizada, que os futuros professores indicam modos diferentes para abordar a questão em sala de aula, sem se esquecerem de que o aluno só conseguirá falar e escrever a norma culta de linguagem se tiver a oportunidade de conhecer e usar a norma padrão. Isso, em nossa visão, é possibilitar o que é chamado de competência linguística.

É possível, então, inferir que os alunos de pedagogia conseguem explicar como podem fazer uma intervenção didático-pedagógica da questão em sala de aula.

Esperamos de um professor que irá se deparar com inúmeras variantes linguísticas três atitudes: a possibilidade de compreender, a capacidade de explicar e, por fim, a necessidade de dar um tratamento didático-pedagógico adequado à situação que foi manifestada em sala de aula.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de língua sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**: tradição gramatical, mídia e exclusão social. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. **Nada na língua é por acaso** – por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org). **Introdução à linguística. São Paulo**: Contexto, 2002. p 121-140.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola, 2005
- _____. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CARNEIRO, Vera Lúcia G.. Diversidade linguística: variação linguística e prática pedagógica. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 5, n. 2, p. 102-111, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos> Acesso em: 29 de jun. 21
- DAMACENA, Bianca M. Q. A Formação de Professores de Língua Portuguesa: Uma Abordagem Sociolinguística. **Revista Trem de Letras**. Alfenas, MG V. 7 n.2 1-20, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/indagacoeseeducacao> Acesso em: 26 de jun 2021.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. cap.3. p. 37-61.
- GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Work. pap. linguíst.**, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009. Disponível em: <http://www.ucl.br/pos/ppgel/pages/arquivos/10749-39705-1-PB.pdf>. Acesso em: 26 de jun 2021
- GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. 2006, v. 22, n. 2 [Acessado 6 Julho 2022], pp. 201-209. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>. Acesso: 09 de set 2021
- LABOV W. The logic of nonstandard English. Philadelphia. University of Pennsylvania Press. 1969
- LOPES, Maria Ailma Ferreira; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. A Importância da Sociolinguística Educacional: Reflexões sobre o ensino de língua portuguesa. **Anais – FLIPA**. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2018/a_importancia_da_sociolinguistica_educacional.pdf. Acesso em: 08 de jul 2021
- MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA Maria Luiza. **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2003.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- SANTOS, Andreza Marcião dos; NOGUEIRA, Ana Cláudia Fernandes; ANDRADE, Aldair Oliveira de. A importância da abordagem sociolinguística para a formação do professor de língua portuguesa. **R. Letras**, Curitiba, v. 19, n. 26, p. 1-15, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/6961/4897>. Acesso em: 26 de maio 2021.
- SILVA, Juliana da. SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO: DIÁLOGOS PERTINENTES. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/praticasdelinguagem/article/view/28315> Acesso em: 02 de jul .2021

Recebido em: 27/7/2022

Aprovado em: 8/9/2022